

## AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOB UMA ÓTICA MUSICOTERÁPICA

Mariane N. Oselame<sup>45</sup>

Orientador: Prof. Dra. Sidinalva Wawzyniak

Co-Orientador: Prof. Ms. Sheila Volpi

**Resumo:** a musicoterapia vem sendo convidada a mudança, ou melhor, uma ampliação do corpo teórico. Transpassando os *settings* convencionais a disciplina está mais do que nunca, se voltando a questões de âmbito social. A compreensão dos mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção de mundo social equivale à compreensão desse mundo social que estará se fazendo presente na interação do indivíduo com o fazer musical, com o terapeuta e com o grupo. Entendendo o indivíduo como um microsistema, como trás Stige, como esse indivíduo está refletindo o mundo que é dele? Como a musicoterapia atende essa demanda?

**Palavras-chave:** Musicoterapia, Representação Social, Mudança.

**Abstract:** Music therapy has being invited to change. Transferring conventional settings this discipline is more than ever coming back to social scope questions. The understanding of the mechanisms for wich a group imposes, or tries to impose, its conception of social world is equivalent to the understanding of this social world that will be taking place in the interaction of the individual with musical making, with the therapist and with the group. Understanding person as a microsystem, as Stige, how this individual is reflecting the world that is him? How does the music therapy take care of this demand?

---

<sup>45</sup> Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Artes do Paraná - FAP, atua na Clínica de Fisioterapia Equilíbrio da Forma em Chapecó - SC. E-mail: [mari.oselame@pop.com.br](mailto:mari.oselame@pop.com.br)

**Key-words:** Music therapy, Social Representation, Change

Curitiba, capital ecológica, cidade pólo do conjunto de 27 municípios que formam a região metropolitana, é uma cidade com 310 anos, segundo o Projeto do PETI para cidade de Curitiba, possui uma superfície municipal de 432 de km<sup>2</sup> distribuídos em 75 bairros, com uma população de 1.587.315 habitantes. Podemos considerar que existe um total de 118.932 famílias que se constituem como público alvo assistência social, considerando a média de 3,6 habitantes por domicílio temos a população de 428.156. Boa parte dessas pessoas estão concentradas nas áreas de habitação irregular concentradoras de risco social existentes em Curitiba. O catador de lixo reciclável compõe esse cenário e o cenário das cidades brasileiras a mais de 50 anos. No entanto, foi só na última década que este trabalhador começou a ser percebido e valorizado pela sociedade. Como agentes ambientais, que movimentam há décadas o recém-descoberto mercado da reciclagem, os catadores estão conquistando o seu lugar nos programas oficiais de coleta seletiva, pois para garantirem a sobrevivência, acabaram por se apresentar como um dos caminhos para a solução do problema da pobreza e da falta de oportunidade de emprego e de renda, do acúmulo de lixo produzido diariamente nas grandes cidades e da necessidade do reaproveitamento de materiais recicláveis. Por seguir uma vertente histórica e me permitir visualizar uma pluralidade de compreensões, escolhi para fundamentar meu olhar na conceituação de Roger Chartier, pela qual “os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (CHARTIER, 1991, p 177). Quanto mais ia tomando contato com esse conceito, mais fui percebendo o quanto ele estava arraigado a minha prática clínica.

Para atingir os objetivos desse estudo foi importante o período de observação das representações dos indivíduos em sua prática cotidiana, optei por fazer essa observação no ambiente que realizei o estágio, o contraturno Menonitas, onde são atendidos em Musicoterapia crianças de seis a quatorze

anos, em sua maioria, filhos de coletores de lixo reciclável, cadastrados ou não no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). As crianças são divididas em grupos de acordo com a faixa etária: seis e sete anos, oito e nove, e dez a quatorze anos, esse último escolhido para protagonizar esse trabalho. Por isso a necessidade de conhecer o universo, o pensar, o cotidiano dessa categoria: coletores de lixo reciclável. Por isso a necessidade de uma abordagem mais direta às famílias desses protagonistas.

Muitas são as discussões sobre Representações Sociais. Um dos primeiros sistematizadores desse conceito foi Durkheim, para quem as representações “são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos, longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber” (*apud* SPINK, 1993, p 21). Acreditando que os fenômenos são estáticos e imutáveis e que as representações são entidades absolutas. Se distanciando desse viés um tanto tradicional, se apresenta Chartier, também dentro de uma concepção sociológica, expondo que a representação está, não nos fatos sociais reais por eles mesmos, mas no discurso que se constrói acerca desses fatos, “por um lado a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção entre o que representa e o que é representado; de outro é a representação de uma presença a apresentação pública de uma coisa ou pessoa” (CHARTIER, 1991, p 184).

Afastando-se de um individualismo radical, qual vivia as psicologias sociais clássica, que se ocupava basicamente dos processos psicológicos individuais enquanto influenciados por um ‘social’ vago, quanto a “presença real, imaginária ou implícita de outros indivíduos” (ALLPORT *apud* SPINK, 1993, p 20) e considerando a importância tanto dos “comportamentos individuais quanto o fato social em sua concretude e singularidade histórica e não abstraídos como uma genérica presença de outros” (*ibid*, p

20), surge Serge Moscovici. Que conceitua representação como uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (*apud* SPINK, 1993, p 36). Afinal, seria praticamente impossível trabalhar o indivíduo sem pensar no contexto social ao qual ele está inserido, Gaskell assim trás: “embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem nas mentes individuais, em alguma medida elas são o resultado de processos sociais” (*apud* VOLPI, 2006, p 33).

Como tantas outras matérias emergentes, a musicoterapia vem sendo convidada a mudança, ou melhor, a uma ampliação do corpo teórico. Transpassando os *settings* convencionais a disciplina está mais do que nunca, se voltando a questões de âmbito social, valorizando que “is a conception that man is part of a community, and that this community is cultural in nature<sup>46</sup>” (STIGE *apud* ANSDELL). Curiosa por esse campo da teoria, do indivíduo inserido numa sociedade produzindo cultura, fui buscar no conceito de Representações Sociais algumas respostas para muitos questionamentos.

Ao aprofundar um pouco nesse conhecimento percebi que as representações sociais acontecem o tempo todo, está intrínseco no indivíduo, é a forma de ver e pensar o mundo ao redor. Na realidade esse não é um pensamento desconhecido na musicoterapia, sempre falamos da visão de mundo, de homem, do cliente e do terapeuta, mas esse conceito me possibilitou mergulhar em águas mais profundas, permitiu entrar na construção desses sentidos e poder atuar nela, levando em conta o pensar de um macrossistema.

Como já citado anteriormente, optei pela orientação teórica de Roger Chartier para quem “os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (1991 p 177). A escolha desse conceito foi principalmente, devido a pluralidade permitida, presente quando os próprios sujeitos constroem discursos sobre suas realidades, a todo momento, na discussão

---

<sup>46</sup> Tradução do autor (T.A): “o homem é parte de uma comunidade, e que esta comunidade é cultural na natureza”.

da cantina, no almoço diário com a família, na troca de idéias durante o trabalho, ou numa mesa redonda; segundo Moscovici “não importa apenas a influência do contexto social no comportamento individual, mas também a participação destes na construção das realidades” (*apud* SPINK, 1993, p 20 ) Aqui não estamos tratando apenas de uma categoria, mas de, absolutamente, todos os indivíduos, a construção da realidade de cada um se dá a partir do coletivo. Não podemos desconsiderar de forma alguma, os processos individuais, mas mesmo as singularidades foram construídas embasadas em algo, em alguma medida elas foram processos sociais.

É necessário entendermos “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e seu domínio” (CHARTIER, 1990, p 17), a compreensão disso equivale à compreensão desse mundo social que descreve a sociedade tal como pensa que ela é ou como gostaria que fosse, e que estará se fazendo presente na interação do indivíduo com o fazer musical, com o terapeuta e com o grupo. Entendendo o indivíduo como um microssistema, como trás Stige, como esse indivíduo está refletindo o mundo que é dele? Como a musicoterapia está atendendo essa demanda?

A representação social é uma “modalidade de conhecimento particular que tem por função elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI *apud* SPINK, 1993, p 36). O essencial é, portanto, compreender como essas realidades são aprendidas e compreendidas.

Sentiu-se a necessidade de estabelecer a musicoterapia como algo que poderia se encontrar com as necessidades sociológicas e culturais mais largas dos clientes. Isto significou que os terapeutas poderiam se ver também como os trabalhadores culturais, fazendo exame de valores da musicoterapia e as aproximações na comunidade.

A musicoterapia tradicional foi praticada no contexto individual melhor que no comunitário e dentro dos confins

do quarto da terapia melhor do que em contextos sociais mais largos, “music therapy clients are individuals, but they also belong to a community<sup>47</sup>” (CURTIS & MERCADO, s/d). O bem estar é experimentado individualmente, mas é afetado também por fatores socioculturais, adicionalmente o bem estar articula-se no lugar de um indivíduo dentro de sua comunidade. Os musicoterapeutas trabalham com os indivíduos dentro do contexto da terapia, mas trabalham também com os indivíduos dentro do contexto de sua comunidade. Trabalham para realizar a mudança pessoal, mas estão encontrando-se também desafiados para realizar a mudança social. “Community is not only a context to work in; it is also a context to work with<sup>48</sup>” (Kenny & Stige *apud* CURTIS & MERCADO, s/d).

Nas palavras de Marly Chagas, o musicoterapeuta precisa ser um investigador. Precisaremos partir do ponto inquietante do não saber para a descoberta de ações; participaremos deste processo aberto de investigação das realidades, que se apresentam sempre novas. Ele poderá contribuir para que as pessoas envolvidas “assumam seu papel de sujeitos de sua própria história, donos de suas próprias vozes e ritmos, cidadãos ativos na busca de soluções para os problemas enfrentados” (CHAGAS, s/d). Precisamos compreender as teorias de grupos; incluir a psicossociologia; pesquisar as expressões musicais grupais, os elementos musicais que têm força nos grupos e como estão sendo utilizados na condução das lideranças locais e globais.

A musicoterapia interage com a cultura e com a sociedade. É diferente em lugares diferentes e em horas diferentes, não apenas porque a ciência se move para frente, mas porque a terapia é encaixada na cultura. Através do trabalho da musicoterapia em grupo com um musicoterapeuta que seja ciente, sensível e que respeite as edições culturais, os membros do grupo, que são representantes de fundos culturais

---

<sup>47</sup> T.A: “clientes da musicoterapia são indivíduos, mas pertencem também a uma comunidade”.

<sup>48</sup> T.A: “ a comunidade é não somente um contexto a trabalhar dentro; é também um contexto a trabalhar com”.

diferentes, podem ser validados. “Cultural diversity can be celebrated and intercultural solidarity approached. Utilizing a community music therapy approach, the individual is understood and integrated into their community<sup>49</sup>” (SANTOS, s/d).

Acredito ser fundamental para o desenvolvimento da musicoterapia e qualquer outra matéria, esse câmbio, a ciência necessita que ultrapassemos nossas fronteiras e nos embrenhemos em novos saberes. Essa pesquisa possibilitou acessar uma gama de “diferenças”: catadores, FAS, representações e por que não, musicoterapia.

Por mais que a profissão de coletor seja reconhecida e rentável, ela continua sendo marginalizada pela sociedade, mesmo pelos próprios catadores ela é desvalorizada e tida como temporária. Em função disso, os programas de assistência e organizações esbarram em dificuldades.

Inserida nesse contexto, a musicoterapia experenciou esse mundo de representações e mostrou ser capaz de atender essa demanda. Conhecer esse universo foi gratificante, pois é possível perceber a musicoterapia atuando nas reconfigurações das representações daquelas crianças e jovens.

A musicoterapia, enquanto prática e disciplina, tem muito a oferecer a área social, área que precisa ser mais explorada, principalmente num país onde as políticas públicas não conseguem atender satisfatoriamente a população que vive numa situação de pobreza. Com essa pesquisa procurou-se, de certa forma, atentar a essa responsabilidade que a musicoterapia possui. Responsabilidade de transformar realidades.

## Referências

---

<sup>49</sup> T.A: “A diversidade Cultural pode ser comemorada e a solidariedade cultural ser aproximada. Utilizando uma aproximação da Musicoterapia Comunitária, o indivíduo é compreendido e integrado em sua comunidade”.

CHARIER, Roger. **O Mundo como representação**. 1991.

SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VOLPI, Sheila. Dissertação, 2006.

REFERENCIAS ELETRONICAS

ANSELL, Gary. **Community Music Therapy & The Winds of Change**. Disponível em

<[http://www.voices.no/mainissues/Voices2\(2\)ansdell.html](http://www.voices.no/mainissues/Voices2(2)ansdell.html)>

Acesso em 30 set. 2006.

CHAGAS, Marly. **Musicoterapia e Comunidade**. Disponível em

<[http://www.artesdecura.com.br/revista/musicoterapia/mt\\_e\\_comunidade2.pdf#search=%22musicoterapia%20comunitaria%20argentina%22](http://www.artesdecura.com.br/revista/musicoterapia/mt_e_comunidade2.pdf#search=%22musicoterapia%20comunitaria%20argentina%22)> Acesso em 30 set. 2006.

CURTIS, Sandra L; MERCADO, Chesley Sigmon. **Community Music Therapy for Citizens with Developmental Disabilities**. Disponível em

<<http://www.voices.no/mainissues/mi40004000162.html>>

Acesso em 30 set. 2006

SANTOS, Adeline dos. **The Role of Culture in Group Music Therapy in South Africa**. Disponível em

<<http://www.voices.no/mainissues/mi40005000180.html>>

Acesso em 30 set. 2006